

Considerações sobre Hermenêutica em Paul Ricoeur

Uma apropriação latino-americana

Jorge Luiz Nery de Santana¹

RESUMO: A proposta de *via longa* na hermenêutica ricoeuriana, diferente da *via curta* de Heidegger, desperta no historiador e filósofo Enrique Dussel, uma leitura e identificação da Simbólica Latino-americana, como portadora de uma reserva de sentido significativa para construção de um projeto ontológico/epistemológico na filosofia e na história, e de uma ética comunitária libertadora e carregada de esperanças.

ABSTRACT: The so called *via longa* Hermeneutics suggested by Paul Ricoeur, as opposed to the *via brevis* Hermeneutics indicated by Heidegger, gave the historian and philosopher Enrique Dussel a chance to identify the Latin-American symbolic as something relevant to the construction of an ontological/epistemological project in philosophy as well as in history and also of a liberating community Ethics loaded with hope.

¹ Bel. em Teologia pelo STBNe – Feira; Linc. em História pela UEFS; Pós-graduação em Filosofia pela UEFS; Professor do STBNe.

I. Introdução

“Eu gostaria de caracterizar a tradição filosófica em que nos escudamos, em três traços típicos: ela se mantém dentro da linha de uma filosofia reflexiva; fica fiel à sua dependência da fenomenologia de Husserl, e pretende ser uma variante hermenêutica dessa fenomenologia”.

Paul Ricoeur

Traçar algumas considerações sobre a hermenêutica de Paul Ricoeur constitui-se num desafio que me propus a enfrentar. O pensamento ricoeuriano inscreve-se numa tentativa por ele assinalada: “O meu propósito é explorar aqui (Em *O Conflito das Interpretações*), as vias abertas à filosofia contemporânea por aquilo a que se poderá chamar de o enxerto do problema hermenêutico no método fenomenológico”². Ao falar sobre hermenêutica se faz necessário algumas pontuações e esclarecimentos. Etimologicamente hermenêutica, ou interpretação, deriva de Hermes. A mitologia grega atribuía a esse deus mensageiro alado, a invenção da linguagem e da escrita, instrumentos que o ser humano usa para transmissão e interpretação de mensagens. Por extensão era aquele que comunicaria ou traduzia as mensagens dos deuses aos humanos. A hermenêutica portanto situa-se como ciência da interpretação.

Partindo de uma hermenêutica dos símbolos, enxertando-a na fenomenologia e articulando com o pensamento filosófico, o que ele chama de “Via longa”, diferente da “Via curta” de Heidegger - Ontologia da Compreensão- Ricoeur, tenta nos explicitar uma ética. É dentro desta dinâmica da simbólica ricoeuriana que perguntamos com Enrique Dussel, que apropriação podemos fazer desta hermenêutica para uma leitura da simbólica latino-americana.

Tomando como ponto de partida a obra significativa do pensamento Paul Ricoeur – *O conflito das interpretações* – procuraremos destacar os elementos que compõem uma hermenêutica simbólica articulada a uma filosofia reflexiva, em seguida estaremos explicitando a apropriação que Enrique Dussel faz do método proposto para compreensão da realidade e história da América Latina.

² Paul Ricoeur – *Conflito das interpretações*, p 5.

II. Situando os Autores

Ao longo da história os sentidos e a problemática em torno da compreensão da hermenêutica cresce significativamente. Utilizo-me aqui de uma síntese do Prof. Augusto Novaski, na sua leitura de Paul Ricoeur sobre um traçado da história do problema hermenêutico.

“1. Parece consenso admitir que o significado mais antigo da hermenêutica nos vem da interpretação bíblica. Sem dúvida que foi também o campo mais fértil onde ela vicejou. Prova disso temos que só nesse campo encontrarmos, cronologicamente, a pré-cristã, a cristã primitiva, a Patrística, medieval, da Reforma, a ortodoxia moderna e contemporânea. Sem nos determos em pormenores, podemos dizer que ela se distingue em: exegese – comentário dos textos bíblicos – e interpretação propriamente dita – tentativa de superar uma distância, de equiparar o leitor a um texto, incorporando o sentido desse texto à compreensão que o leitor pode obter dele mesmo.

2. Com o surto racionalista-iluminista, a hermenêutica bíblica teve que enfrentar o desafio de tornar a Bíblia relevante para o homem racional. Se o seu postulado é a extensão da crítica racional a toda e qualquer crença e conhecimento sem exceção, há que se armar de técnicas de análise bastante mais requintadas, pois trata-se de provar que a Bíblia não veicula nenhuma verdade fora do alcance da razão.

Tais técnicas são principalmente de ordem filológica. A refinada análise gramatical e o compromisso dos intérpretes no conhecimento total do contexto histórico das narrações bíblicas caracterizam esse momento da hermenêutica que poderia ser chamada de filológica. Nesse sentido os intérpretes convinham que os métodos aplicados à interpretação bíblica em nada se diferenciava dos que se aplicavam às outras obras ou textos. Há regras gerais, então, de interpretação filológica, e a Bíblia estaria entre tantos outros objetos dessa hermenêutica.

3. Schleiermacher. Esse nome é importante. Diz Ricoeur que é com Schleiermacher e Dilthey que o problema hermenêutico se torna problema filosófico.

Construir uma hermenêutica geral como arte da compreensão foi a tarefa que a si próprio se propôs Schleiermacher, pois para ele esse campo de investigação não tinha se constituído ainda como uma área geral, permanecendo até então como uma pluralidade de hermenêuticas particulares e especializadas. Queria ele em outras palavras, buscar a unidade fundamental subjacente a todas as interpretações, fossem elas jurídicas, de obras de arte, de literatura, de poesia, cada uma delas com seu instrumental. O projeto de Schleiermacher consistia em elaborar uma ciência hermenêutica geral, partindo do pressuposto que toda e qualquer interpretação é tentativa de compreensão; ele postula então que a idéia de compreensão opera de conformidade com leis que devem ser descobertas e que orientam o processo de extrair de qualquer texto o seu sentido.

4. Wilhelm Dilthey é também um nome importante no que diz respeito ao nosso tema. Para ele a interpretação das expressões essenciais da vida humana requer um ato de compreensão histórica que é fundamentalmente diferente da abordagem científica das coisas da natureza: as normas e os métodos de pensar das ciências naturais não podem ser aplicados ao estudo do homem. Convém ressaltar, entretanto, que para as *Geisteswissenschaften* é a experiência histórica, viva e concreta, que é o ponto de partida e de chegada da interpretação, alijando-se portanto, as especulações de seu método.

O sentido de ser compreendido via interpretação e algo histórico, fazendo-nos relacionar o todo e as partes desde um determinado ponto de vista, num determinado tempo, para uma determinada combinação de partes.

5. Martin Heidegger é um outro marco no desenvolvimento da interpretação. Ele mesmo diz que sua filosofia é hermenêutica.

Nele ainda a hermenêutica é a teoria da compreensão, mas esta última é definida de modo diferente: não é uma maneira de conhecer. Mas uma maneira de ser. Daí dizer-se que Heidegger faz ontologia da compreensão, sendo esta compreensão ontologicamente fundamental e anterior a qualquer ato de existência, de tal forma que qualquer conhecimento é segundo, subordinado, como uma forma derivada de uma forma originária.

6. Hermenêutica de Paul Ricoeur: Heidegger havia postulado uma ontologia da compreensão. Ricoeur chama a essa ontologia de “Via curta”, pois refere-se de imediato ao plano da ontologia do ser finito, onde a questão: a que condição um sujeito cognoscente pode compreender um texto ou a história? – é substituída pela questão: o que é o ser cujo ser consiste em compreender? Compreensão não ‘mais como modo de conhecimento, mas como um modo de ser. Ricoeur propõe uma “via longa”, a da epistemologia da interpretação, não propriamente uma solução adversa da de Heidegger, da ontologia da compreensão, mas esta permanecendo como um horizonte daquela ou, em outras palavras, Ricoeur quer chegar a uma ontologia, e não propriamente partir dela. É a sua maneira de fazer o enxerto da hermenêutica na fenomenologia. Via longa, caminho mais contornado. Mais laborioso.”³

Paul Ricoeur, nasceu em Valence (França) em 1913, Filósofo e professor universitário trabalhou como pesquisador no CNRS até 1948, quando passou a lecionar na Universidade de Estrasburgo. Em 1956, ocupa a cadeira de Filosofia Geral na Sorbone e mais tarde, participará da criação da faculdade de Letras e Ciências Humanas de Nanterre. Professor convidado nas Universidades de Louvain, Genebra, Montreal e de Chicago, Ricoeur aparece como representante de uma filosofia reflexiva (mas não “da consciência”) tenta a se instruir tanto da história da filosofia quanto de disciplinas não filosóficas. De formação protestante, como cristão, Ricoeur não se coloca como apologeta ou dogmático,

³ Revista Reflexão 69, PUC: Campinas, p 133.

antes deixa bem claro sua distinção e compreensão de teologia e filosofia . “Para o teólogo, o querigma é evento; para o filósofo, porém, aberto ao querigma poderá, quando muito, vê-lo benignamente como “quase evento”, no sentido kantiano que, sem pretender negar a historicidade de Jesus e, mesmo que negasse, analisa a confissão de fé em sua divindade apenas como idéia que se alojou sem que compreendamos como a natureza humana possa tê-lo acolhido.”⁴ Como fecundo pensador e escritor incansável Paul Ricoeur tem-nos oferecido significativas obras dentre elas: O Conflito das Interpretações (1964); A Filosofia da Vontade(1950-1960); O Mal, Um Desafio à Filosofia e à Teologia (Papyrus, 1988) O Si-mesmo como um outro(1990); Tempo e Narrativa (1984); A Metáfora Viva (1975); História e Verdade (1955), A Simbólica do Mal (1960), etc. Paul Ricoeur dialoga com a lingüística, o marxismo, o estruturalismo, a psicanálise, a história, inscrito num momento de intensa discussão sobre as metodologias das ciências humanas, época de pós-guerra e intensas manifestações por liberdade e justiça nos países do norte e do sul do globo, onde a ideologia tecnocrática e o discurso desenvolvimentista sofre duras críticas. Ricoeur parece-nos preocupado em , a partir da crítica Heideggeriana- do esquecimento do ser, desenvolver uma proposta hermenêutica que recorresse aos símbolos como portadores do esforço do desejo humano de existir, em plenitude, onde arqueologia e escatologia se conjugam numa compreensão do texto existencial do acontecer humano. É sintonizado com estas intuições ricouerianas a partir da obra a Simbólica do Mal que o pensador Argentino Enrique Dussel, procura estabelecer relações fecundas para construção de uma simbólica latino-americana. Nascido em 1934, na Argentina, Dussel, participou no início da década de 40 da Ação Católica. Em 1957 foi para a Espanha, onde fez doutorado em Filosofia. Em 1959 e 1961 residiu em Israel, onde trabalhou como carpinteiro e pescador. Após esse período retorna à Europa, primeiro para estudar Teologia na França e, depois, história na Alemanha. A partir de 1969, passa a dar aulas de ética filosófica na universidade de Cuyo, na Argentina. Entre 1971 e 1974 publicou mais de vinte livros e artigos. Em 1975 juntamente com sua família parte para o exílio no México, onde reside até hoje. É um dos fundadores e ativo membro do CEHILA (Comissão de Estudos de História

⁴ Paul Ricoeur, Op Cit. pp. 340-341

da Igreja na América Latina). Autor de vasta obra bibliográfica é um dos principais nomes da filosofia da libertação.

III. Elementos ou Figuras da Hermenêutica Ricoeuriana.

A **interpretação** segundo Ricoeur, é o “Trabalho do pensamento que consiste em decodificar o sentido oculto no sentido aparente, em desdobrar os níveis de significação implicados na significação literal”. O texto a ser interpretado - a existência. Esta existência é concreta, onde cada um traz um enigma a ser decifrado pela **Reflexão Filosófica**, esta por sua vez “é a apropriação de nosso esforço para existir de nosso desejo de ser, através das obras que testemunham esse esforço e este desejo. Às duas noções de hermenêutica e de reflexão filosófica acrescenta-se a de **Símbolo** é a estrutura de significação, onde um sentido direto, primário e literal designa, por acréscimo, outro sentido indireto, secundário e figurado, que só pode ser apreendido através do primeiro.”

Considerando o texto a nossa existência, perguntamos pelo *Cogito*, preso à consciência imediata, por sua transparência. Será o sentido direto, literal e primário o que funda nossa certeza? Ricoeur nos assinala que não. “Para quem foi formado pela fenomenologia, pela filosofia existencial, pela renovação dos estudos hegelianos e pelas investigações de tendências lingüísticas, o encontro com a psicanálise constitui um enorme abalo. O conjunto do projeto filosófico é questionado. O filósofo contemporâneo encontra Freud nas mesmas paragens que Nietzsche e Marx. Todos três se apresentam diante dele como os protagonistas da suspeita, os perfuradores de máscaras”. Surge um novo problema, a mentira da consciência, ou da consciência como mentira. A apoditicidade do eu sou se revela tão irredutiva quanto o eu existo. A psicanálise diz que a consciência não é um dado e sim uma tarefa. Ricoeur diz-nos que arqueologia do inconsciente não deve se prender ao mundo do recalcado, mas servir como via de volta numa escatologia do Espírito, como sugerido em Hegel, figuras que se sucedem e superam. A criança que se nega a ser adulta decide esforçar-se no desejo de ser adulta supera-se cada vez mais. E na objetivação das obras humanas que se convida também à uma arqueologia e escatologia. Partindo do pressuposto da consciência como tarefa introduz-se como duas figuras impor-

tantes a Ética do desejo de Jean Nabert. As obras humanas são testemunhas. Elas tem um sentido a revelar, mas não revela imediatamente. É ai onde uma hermenêutica dos símbolos descobre nosso esforço para existir e nosso desejo de ser. “Por um caminho longo e quicá mais árduo que vai da interpretação dos signos como esforço para existir, a elaboração de uma ética do desejo há de incluí-los como exigência metodológica. Eis a necessidade da relação entre reflexão e interpretação dos signos dos símbolos”⁵.

IV. A Hermenêutica dos Símbolos e a Filosofia Reflexiva – Uma Apropriação Latimo-Americana.

“O símbolo dá que pensar”; esta sentença que me encanta diz duas coisas: o símbolo dá, eu não ponho o sentido, é ele que dá o sentido, mas aquilo que ele dá, é “que pensar”, de que pensar. A partir da doação, a posição. A sentença surge, portanto, ao mesmo tempo que tudo está já dito em enigma e, contudo, que é sempre preciso tudo começar e recomeçar na dimensão do pensar. É esta articulação do pensamento dado a ele próprio no reino dos símbolos e do pensamento ponente e pensante, que eu queria surpreender e compreender”⁶.

Partindo desta assertiva, que o símbolo dá a pensar, em consonância com a filosofia do Cogito na qual o sujeito se interpreta, também interpretando os signos, Ricoeur exige uma hermenêutica metódica e vigilante na articulação dos símbolos com a reflexão filosófica, com a intenção de , sem voltar à interpretação alegorizante ou gnóstica, extrair só no símbolo um sentido que ponha em movimento o pensamento e, sem cair na mitologia dogmática, interpretá-la criativamente, respectivamente, respeitando, o enigma original do símbolo e deixando-se ensinar por ele para promover e formar o sentido na responsabilidade de um pensamento autônomo – Isto é possível pela desmitologização. Por isso, coerentemente, poderá abrir-se ao querigma desmitologizado e reinterpretado de modo criativo, respeitando, porém, sua dimensão originária, eminentemente escatológica ou realização futura mas sempre através do pensamento filosofante

⁵ Paul Ricoeur. Op. Cit.

⁶ Paul Ricoeur , Op. Cit. P 283

autônomo que até relê o referido querigma com categorias kantianas⁷.

A partir da simbólica do mal Ricoeur demonstra através do Mito adâmico da queda, e outros mitos conflitantes a possibilidade de uma hermenêutica que faça a arqueologia do ser, uma ontologia, é que através do mito da expiação e justificação abre-se uma escatologia, a inteligência da esperança, a liberdade, o esforço humano para existir, fundado no desejo enquanto carência do ser. Ricoeur privilegia a simbólica do mal por estar convicto que os simbólicos do mal mostram que há mais nos mitos e nos símbolos que em toda nossa filosofia cuja interpretação jamais se tornará absoluta. “O problema hermenêutico faz-se pela apreensão da dupla dependência do si mesmo ao inconsciente e ao sagrado, manifesta pelo simbólico. Cabe então à reflexão filosófica humilhar a consciência e interpretá-la através das significações, simbólicas para elucidar a dupla dependência, de sorte que a reflexão envolva uma arqueologia e uma escatologia isto é, a hermenêutica psicanalítica e a fenomenologia. Com tal raciocínio, alude, de novo, mas de forma nova, à relevância da interpretação dos símbolos, porque os elementos arqueológicos e os escatológicos se entremisturam, mergulhado nas mitologias arcaicas do inconsciente e, por sua vez, a escatologia da consciência é sempre uma repetição criadora de sua arqueologia”⁸.

O filósofo, teólogo e historiador Argentino Enrique Dussel vê na hermenêutica simbólica de Paul Ricoeur um método significativo a ser aplicado na leitura arqueológica e escatológica da simbólica latino-americana. Em “Tempo e Narrativa”, Paul Ricoeur sinaliza para a metáfora como setor de inovação semântica, assim também a “imaginação” desempenha um papel fundamental na ação criativa (na fantasia social é o caso, principalmente, da utopia, da iniciativa”etc.⁹

No seu itinerário, Dussel encontra-se com a “Simbólica do Mal” e participa ativamente nos cursos de Ricoeur na França. Escolhe então a “via longa” chegando até mesmo a revisar sua tese de doutorado rescrevendo-a como hermenêutica dos símbolos, com vistas a uma filosofia hermenêutica da Cultura Latino-americana – El humanismo helênico – Era uma obra de Dussel que discute a antropologia, uma ontologia e uma ética indo-européia, nas quais se apresen-

⁷ Edson de Castro Homem, Revista Reflexão. 64 PUC- Campinas, p 126, 127.

⁸ Paul Ricoeur. Op. Cit. P.328

⁹ Enrique Dussel – Filosofia da libertação – Crítica da ideologia da exclusão. p.12

tava o dualismo Corpo e alma, a solidão do contemplativo, a ética da ascese (o “mito de Prometeu” trágico e sem história), o monismo do ser. Era uma crítica filosófica-hermenêutica-helênica. Em 1964 escreve sua segunda obra, iniciada em Israel: “El humanismo semita”, na qual dentro da mesma tradição filosófico-hermenêutica enquadrava-se na tradição de Rosenzweig e Buber, adotando a análise de uma antropologia “carnal”(a basar” hebraica), que é unitária, uma metafísica criacionista e uma ética política de compromisso com “o núcleo-místico” semita (partindo do mito adâmico “dramático”, instaurador da “história”), passando a ser o ponto de partida para a “cultura latino-americana” posterior.

Em 1964 organizou com colegas umas Semanas Latino-americanas onde pediu a Ricoeur que falasse. Paul Ricoeur entre outras palavras disse:

“Primeiramente acho que a tarefa principal dos educadores é a de integrar a civilização técnica universal com a personalidade cultural, no sentido em que a defini mais acima, isto é, com a singularidade histórica de cada grupo humano.”

Traçou ai um verdadeiro projeto filosófico - político. Em 1965, em Munster, Dussel escrevia um livro sobre história latino-americana onde dizia:

“Toda civilização possui um sentido, embora este sentido esteja disperso, inconsciente e seja difícil de captar. Todo este sistema está organizado em torno de um núcleo (noyau) ético-mito que estrutura os conteúdos intencionais finais de um grupo e que poderá ser descoberto através da hermenêutica dos mitos fundamentais da comunidade.¹⁰

Dussel amplia esta discussão através dos seus estudos sobre América latina quando percebe a dualidade político-econômica Centro (europa) periferia (América Latina, Ásia, África). Nossa história latina faz parte de um projeto colonizador em vários sentidos, cultural, religioso, político, econômico e mítico. Desde a modernidade (1492 – Expansão Marítima) assistimos a opressão. No plano nacional (elites- massas, burguesia nacional- classe operária, e povo); no plano erótico (homem-mulher); no plano pedagógico (cultura imperial, elitista, *versus* cultura periférica, popular, etc). no plano religioso (o fetichismo em todos os níveis). Dussel lembra que esta é a experiência de todo latino-americano nos seus estudos na Europa, a percepção de um despojamento do ser onde o outro é desenraizado, espoliado e posto como sem rosto, mas com um forte grito, o

¹⁰ Idem p.16

grito dos infelizes.

A apropriação que Enrique Dussel faz de Ricoeur é evidente na medida que ele procura rediscutir uma antropologia que considere a concretude e unidade do homem bem como seu sofrimento e desejo por justiça, recuperando esta simbólica semítica, bem como pesquisando o núcleo mítico da comunidade ou grupos e povos latinos como evocativos de uma arqueologia e escatologia do esforço humano para existir e o desejo de ser.

V. Considerações Finais

Fazer a leitura de “O conflito das interpretações” de Paul Ricoeur foi uma tarefa espinhosa e fértil, não sei se a minha tentativa de descrever foi feliz, mas creio que algumas considerações vale ressaltar:

1. O projeto filosófico-hermenêutico de Paul Ricoeur representa um significativo diálogo de modelos teóricos conflitantes, abrindo caminho para uma rediscussão das sínteses num mundo tão estilhaçado de idéias que se debatem e se dispersam.

2. A valorização dos símbolos e mito dentro de uma desmitologização que não nega seu sentido originário mas antes o encara como uma reserva de sentido que cresce e é capaz de dar o que pensar dentro de uma perspectiva de filosofar autônomo.

3. O projeto ricoeuriano repete com Heidegger esta crítica ao esquecimento do ser onde a linguagem tecnicizante e unívoca, vem retirando ou esvaziando a plenitude e riqueza de sentidos que os símbolos dá a pensar. A imaginação, os sonhos e desejos que emergem das simbólicas denunciam os reducionismos e desumanização, presentes numa pretensa univocidade da tecnico-ciência.

4. A partir da hermenêutica simbólica de Ricoeur, redescobrir e rediscutir os mitos que povoam o imaginário coletivo de nosso povo, resgatando seu conteúdo pedagógico-libertador e sua reserva de sentido para construção de uma ética comunitária saudável e carregada de esperanças.

Termino minhas considerações com Paul Ricoeur dizendo:

“... Permanecemos existência interpretada; é no trabalho da interpretação que ela descobre as múltiplas modalidades da dependência do si (*sic*), a sua dependência do desejo apercebida

numa arqueologia do sujeito, a sua teleologia, a sua dependência do sagrado apercebida na sua escatologia. É ao desenvolver uma arqueologia, uma teleologia uma escatologia que a reflexão se suprime a ela própria como reflexão”.¹¹

Bibliografia

- A Hermenêutica de Paul Ricoeur – Revista Reflexão, Campinas, nº 69, pp. 106-147, Set./Dez., 1997.
- BLEICHER, Josef – Hermenêutica Contemporânea, Lisboa-Portugal, Ed. 70, 1992.
- DUSSEL, Enrique – Filosofia da Libertação: Crítica à ideologia da Exclusão. São Paulo, Paulus, 1995.
- MARASCHIN, J.C. – A questão do Mito em Paul Ricoeur em relação com a Sociologia do Conhecimento. In: Revista Simpósio: São Paulo. ASTE, Ano V, n.º 08, Julho de 1972 pp. 23-38.
- RICOEUR, Paul – O Conflito das Interpretações. Porto- Portugal, RÉ S Editora, LTDA, 1988, 488p.
- _____ – Tempo e Narrativa, Tomo I, Campinas, SP, Papyrus, 1994.
- Revista Simpósio, São Paulo, ASTE, Vol. 8(2), ano XXVIII, Julho de 1995, n.º 38.
- STEIN, Ernildo – Aproximações sobre hermenêutica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

¹¹ Paul Ricoeur– Conflito, p.26.